

25

NOVO ENTREMEZ  
INTITULADO  
AS LOUCURAS  
DA VELHICE.

PESSOAS.

<i>Geruncio , velho.</i>	<i>Pascoalina , Criada.</i>
<i>Guimar , sua mulher.</i>	<i>Roberto. } amães de Zab.</i>
<i>Zabileta ,</i>	<i>e Flaminio. } e Rozimunda.</i>
<i>e Rozimunda. } suas filhas.</i>	<i>Mandarim , Criado.</i>
<i>Hum Mestre de Capela.</i>	



LISBOA,  
Na Offic. de DOMINGOS GONSALVES.

---

Anno de 1786.  
*Com Licença da Real Meza Censoria.*

NO. 1. ENTRY

ASSOCIATION

1850

---



---

## SCENA DE SALA.

Com hum cravo , varios papeis de solfa , e suas Placas  
todas afezas : Geroncio sentado com hum papel na mão,  
Guimar tocando ao cravo , Rozimunda , e Zabileta bor-  
dando , e Pascoalina trocendo linhas. Todos cantando me-  
nos Geroncio.

as Damas.

**D** Espreze o cruel Amor,  
O que feliz quizer ser,  
Que se os braços lhe entregou,  
Ninguem lhe póde valer.

Guim.

Toda a Senhora da moda,  
Que prendas não sabe ter,  
Pra que tenha afeitação,  
Ninguem lhe póde valer.

Pasc.

Ai li ló lé li ló lé,  
Ai li ló lé lé troffer,  
Toda a que tem de ser pobre,  
Ninguem lhe póde valer.

Geronc.

Sóbe aos astros rutilantes,  
O ecco do meu clamor,  
Pois são effeitos de Amor,  
Os effeitos mais brilhantes.

A belezza dos versos, he o não perderem o seu total  
pensamento, como verbigracia : Pois são effeitos de  
Amar : E logo a repitição, os effeitos mais brilhantes.  
Ah que se assim fossem todos os Poetas , não have-  
riaõ

rião tantos versos mancos, aleijados, e sem conceito nenhum: vamos continuando a Decima.

*Guim.* Os malditos versos, o deltrai de forte, que não dá o merecido applauzo a esta excelente muzica; diga, não gostou da modinha?

*Geronc.* Se vossê adora a Muzica, eu estimo a Poezia, nada me lembro do Mundo, quando estou fazendo versos.

*Guim.* Assim me succede a mim quando me ponho a cantar.

*Zabil.* São loucuras da velhisse as cismas dos nossos Pais.

*Rozim.* Elle com versos nos seca, ella com solfa nos mata, e bem se nos dá a nós das rabugentas matricas.  
*à parte huma para a outra.*

*Zabel.* São velhos, que ainda tem fumos, mais fortes do que os rapazes, a pena que nos acompanha, he não termos visto ainda os nossos namorados. *o mesmo.*

*Rozim.* Eu não posso hum só instante socegar sem a tua companhia, isso he a verdadeira moda.

*Guim.* Não sei se este caldeirão, se está bem no seu lugar.

*Geronc.* São meus extremos constantes... constantes... he bem certo, que isto dos versos quer hora, fiz o quinto com trabalho, e por falto de memoria, ao texto não posso chegar; ah que se eu passo o barranco, a cabo o verso de estalo.

*Pasc.* Pobrezinha de mim, que sinto sobre o meu peito faudozo, hum craveiro de faudades, e quazi todas dobradas, pela falta que sentindo estou do meu Mandarim, do meu Xixisbeo amado: ah que se eu agora o vira, murchavao logo as faudades.

*Guim.* Esta clave sertamente está aqui emvergonhada; he possivel que este Mestre tanto me tenha tardado? Tomara que já viesse para poder dezenganar-me.

*Geronc.* Dos constantes para diante, não dou nem huma passada,

*Guim.*

5  
*Guim.* Forte secatura de versos? Vossê quer endoudecer, não se deixará já disso; hora basta de sismar.

*Geronc.* Vossê com a maldita folfa, não me tem também secado? Huma actual gritaria, que faz mui dezafinada? Essa voz que tem fanhoza, com gargalhejos de gralha, diga? Não fará fustio a todos que a escutarem?

*Zabil.* Temos o caldo entornado.

*Rozim.* Toca a rir nosso bocado. *à parte huma á outra.*

*Guim.* Tomara vossê para os versos o ter tanta habellidade, vossês não veraõ o outro, que sempre handa com os olhos em alvo, tendo de røer as unhas, á mostra todo o sabugo, e ainda em sima nos fala?

*Rozim.* Mana, vamos ver se vimos os nossos amantes. *à parte, e vaõ-se.*

*Zabil.* Vamos, e deixemollos talhar.

*Pascoal.* Hum instante aqui não paro, vou ver se os meus olhos lograõ a vista do meu bandalho. *Vai-se.*

*Geronc.* Senhora, basta de arengas, não pertenda verme irado, quando não farei... Hora esta não está má.

*Guim.* Oh pitulante, insolente, diga, diga o que fará.

*Geronc.* Seguir a paixãõ que tenho, continuar os meus versos, e não me importar mais nada: *Sãõ meus extremos constantes; constantes.* *Vai-se repetindo com palavras, e acçoens o verso.*

*Guim.* Vá bulcar quem o ature, coitado, já está mui ginja; quem me dêra já ver o meu querido Mestre, esta paixãõ da muzica me dumina de tal sorte, que apenas ao cravo chego, alli fico embasbacada; agora vou recordar esta letrinha, que he a mpoa mais moderna.

C A N T A .

Naõ socega quem padesse ;  
O tiranno mal de amores ;  
Soffre tromentos sem conto ,  
Seporta crueis rigores .

Ai li lo lé , li lo lé ,  
Ai li lô lé , lê mudança ,  
Quem sente de amor a chamma ,  
Já mais o socego alcança .

*Sabe o Mestre de Estudante com hum oculo.*

*Mestre.* Bravo , bravissimo , excellente , excellentissimo ;  
naõ cuidei que taõ depreça a tinha nos cascos meti-  
do .

*Guim.* Meu estimado Mestre , faudoza da sua companhia ,  
por divertir minha magoa , fui cantar esta modinha .

*Mestre.* Baste que tanto lhe devo ? Isso he valente ca-  
zo , e diga teve descuido no que lhe tenho ensina-  
do ? Fale verdade naõ minta ; porque isto de crian-  
ças costumaõ ser descuidadas .

*Guim.* Criança ? Ai que graça ? Agrada-me esse seu mo-  
do , he modo de captivar .

*Mestre.* Agrada-lhe ? Hora estimo , mas vamos , vamos ao  
cravo . *Sentasse , e faz que toca .*

*Guim.* Oh Senhor Mestre estimado , ha de me tirar da  
duvida em que estou emcaquetada , diga , este calde-  
raõ está aqui no seu lugar ?

*Mestre.* Ha maior pouca vergonha ? Fazendo-me em cal-  
deiroens , que pertencem a caridade ? Ainda com os  
dedos arranha em hum cravo , que os martellos de to-  
dõ tem estrompados ; já nos fala em caldeiroens ? Ho-  
ra essa naõ he má ; vamos , vamos á liçaõ , naõ que-  
ro

ro tempo devago.

*Guim.* Sim, Senhor, aqui esteu prompta, que manda, que se cante?

*Mestre.* Venha o Dueto dos peraltas, que he feito cá pelo pobre, tem gosto, e tem novidade.

*Guim.* Aqui está á ordem sua. *da-lhe o Dueto.*

*Mestre.* Ponha-me com geito os dedos, e affine com cuidado.

*Cantaõ o Dueto.*

Meninas naõ vos fieis;  
Nos peraltinhas da moda;  
Todos gustaõ de trazer,  
As mollas em viva roda.

Os velhos sim porque faõ,  
Homens ferios com juizo,  
Dai com hum pé nos peraltas,  
Que a todos motivaõ rizo.

*Mestre.* Agora veja o que faz; cuidado, e mais cuidado, estude-me sem descuido, depois verei como vai. *V.*

*Guim.* Vou-me pôr a estudar, concebi tal medo do Mestre, como pôde conceber qualquer criança, dando-lhe palmatuadas. *Vai-se com o papel de solfa na maõ.*

*Scena Praça: Sabe Roberto, Flaminio, e Mandarin.*

*Robert.* Naõ ha afflicçaõ maior, do que estar qualquer amante do caro bem separado.

*Flam.* Naõ ha disgosto mais forte, eu naõ posso socegar.

*Mand.* Emtaõ que direi eu, que estou feito figura de passmo, sem ver a cara de nata, por quem trago o coraçãõ todo feito em frangalhos.

*Flam.* Nem hum instante mais nos demoremos, vamos, *va*

vamos a ver o idollo dos nossos cuidados.

*Os dois.* Vamos, vamos gostozos

Gozar das nossas amadas,

Os brilhantes dons mimozos.

*Vão-se.*

*Mand.* Mandarim parte ligeiro, porque ós deve acompanhar, para tambem pestuir quatro colloquios mui finos de hum rosto aslucrado, ah mulheres, mulheres, vós tendes a culpa de andarmos em tal fadario. *V.*

*Scena de Salla com cadeiras, huma banca, preparos de escrever, Geroncio escrevendo, Guimar ao cravo, e o Mestre ao pe della.*

*Geronc.* Bravissimo que verso? Com o maior custo findi a Decima, e que trabalho me não custou? Eu me admiriro o ver a facilidade com que estes Poetazinhos da moda fazem os seus versos, de qualquer qualidade que sejaõ lhe poem deficultade; Sonetos, Odes, Romances, Eglogas, e por fim até os seus Entremezes, fazem sem a menor duvida, e se acazo se lhe proguntar o tempo, que para os fazer g staraõ, respondem, foi derrepente, não me deraõ grande enfado, vamos vendo se tem algum erro: *São meus extremos constantes, lauros da minha firmeza, esta firmeza...*

*Mestre.* Aqui faz a voz a pauza, aqui diz enlaminé, tome-me neste cuidado.

*Guim.* Oh lá se tomo? Ainda com esta idade não me escapa o que me insinaõ, alli está enlaminé, a collá faz a voz pauza, não he assim Senhor Mestre? (aindá assim estou bem adiantada.) *à parte.*

*Geronc.* Vá para diante a firmeza, que he congoante froçado.

*Mestre.* Que he isso lá de froçado? Com as fismas dos seus versos, não podemos socegar.

*Geronc.* Cuide lá no seu ensino, e não lhe importe mais nada.

*Guim.*

*Guim.* Oh Senhor Mestre, deixe-o ; não lhe dê huma palavra ; pois quando está fazendo versos , parece emdemoninhado. *á parte ao Mestre.*

*Mestre.* Bem o mostra na postura , hora lhe dá em roer com grande ancia nas unhas , hora a bater na testa , se poem com força , e com ancia ; bem digo eu , que todos os Poetas são doidos , por isso tal nunca quiz aprender , irrorio ? Se ea tinha toda a minha vida de andar cismando ? Era o que a mim me faltava. *á parte a Guimar.*

*Geronc.* *Firmeza* .... Sim , firmeza he que ha de ser , a Decima está acabada.

*Guim.* Vê , ahi torna á mesma , alli não ha que porfiar. *á parte ao Mestre.*

*Geronc.* *A minha alma vive preza.*

*Mestre.* Hora não está má matraca ? Vossa mercê não nos deixará , com o fruçado , e com a preza , he valente corriolla ?

*Guim.* Por quem he tenha focego. *á parte ao Mestre.*

*Geronc.* Ah sou segonha do diacho , não me dê em minha caza razoens , senão , não sei o que será.

*Mestre.* Hora isto não se suporta ; Senhora Guimar , se quizer que a encine , ha de ser só em hum quarto , não quero estar vendo hum homem , que faz caras de macaco.

*Geronc.* *A minha alma vive preza.*

*Mestre.* Irra com tal fecatura ? Já o não posso aturar. *Vai-se enclorizado.*

*Guim.* Vossê he os meus pecados ? Que ha de ser de mim agora ? Foi-se o Mestre desesperado , quem me ha de agora ensinar ? Ai que morro ? Ai que defmaio ?

*Geronc.* *Dessa tua perfeição.*

*Guim.* Vossê quer-me apoquentar , que ha de ser de mim agora ? *Girando a traz de Geroncio.*

*Geronc.* Tanto que o meu coração.

*Guim.* Isto me faz exesperar, estou mesmo como huma polvora.

*Geronc.* Rendi a tua belleza.

*Guim.* Malditos versos ? Quem vos queimara ? Vossê faz de mim ludibrio ? Não me quer dar attenção ?

*Geronc.* Brava Decima, findou mesmo como eu queria, rendi á tua belleza ; quer dizer, que do meu amor lhe fiz doação, hora o certo he, que em bem pouco tempo me fiz hum bom Poeta, este verso val-le muito : *Tanto que o meu coração rendi a tua belleza* : Excelente, vou doido de contentamento, *ren-di a tua belleza*, oh bravo. *Vai-se repetindo o verso.*

*Guim.* Que te leve barrabás ? Parece que leva o demonos cascos, parto ligeira a mandar avizo ao meu estimado Mestre, delgraçada de mim se elle me falta ? Ficarei em capaz de ir ás assembleias, nem com as mais Senhoras fazer par ; queira a fortuna que elle não continue no enfado. *Vai-se apreçada.*

*Sabe Rozimunda, e Pascoalina.*

*Rozim.* Cara Pascoalina, agora vi da janella entrar para a escada, o meu amado Roberto, não te posso explicar á legria que o meu coração recebeo, assim que vio o seu rosto, vai, vai depreça ver se chegou.

*Pascoalin.* Vou apreçada, elle que chega.

*Sabe Roberto.*

*Robert* Querida Rozimunda, a minha alma não socega, sem que veja esses teus olhos donde o meu amor se

fé emprega.

*Rozim.* Meus Pais , que os nossos extremos sabem de ciência certa , levão em gosto o conforço , que á tanto tempo apeteço ; e o não o alcançar meu bem , he para meu peito tromento.

*Pascoal.* Só eu não posso dizer a Mandarim quatro firmezas. *á parte.*

*Rozim.* E seraõ acazo falsos os teus jurados extremos ?

*Robert.* Só a morte ferá cauza , que separe minha firmeza.

*Rozim.* Entaõ posso estar segura da tua fé verdadeira.

*Robert.* Se o duvidas , não me adoras ; sem razãõ meu peito offendes , seja a minha maõ signal desta solida firmeza.

*Rozim.* Eu a uno junto ao peito.

*Os dois.* Verme-ha o Mundo todo ,  
As leis de amor estar fugeito.

*Cantaõ.*

### D U E T O .

Com o bem que amante adoro ,  
Saõ alegres os meus dias ;  
Sem te ver , meus tristes ais ;  
Saõ ais de mil agonias.

Vêde oh amantes ,  
Com quanto gosto ,  
Do caro objecto ,  
Adoro o rosto.

*Vãõ-se.*

*Pascoal.* E que ficasse eu anguando , sem dizer duas

palavras, mas que vejo? Vem o meu amado Mandarim.

*Sabe Flaminio, Zabileta, e Mandarim.*

*Flam.* Não duvides, que he verdade, não havia hum só instante, em que tu me não lembraces.

*Zabil.* Vá dizer essas finezas a quem tanto o entreteve, e não a mim que o conheço, suas ideas tão falsas.

*Mand.* Amada Pascoalina, dame duzentos abraços.

*Pascoal.* De mim nunca se lembrou, em quanto auzente andava.

*Mand.* Não me tornes outra vez a tirar com tal pedrada, padeci por teu respeito hum sem numero de saudades.

*Flam.* Oh minha querida Zabileta, não julgues que te sou falso, não cabe em minha expressão, o dizer quanto te amo, se eu podera o coração mesmo a teus olhos mostrar-te, então te dezenganarias; apalpa, vê como bate.

*Mand.* Se eu podera embotir-te neste buxo namorado, então minha Pascoalina, verias o fatcaz de amor, em que por ti ardo.

*Zabil.* Não Flaminio, não me trate com ingano, veja que bem o percebo.

*Pascoal.* Meu Mandarim, és mui vario, rendes amor a trezentas, e de mim não fazes caso.

*Flam.* Não te engano, falo com todas as veras, só tu me pareces bem, e todas as mais desprezo.

*Zabil.* Então porque não cazemos; meu Pai este casamento, cheio de gosto o aplaude.

*Flam.* Hoje mesmo daraõ fim nossas constantes idéas.

*Zabil.* Assim ferei venturoza.

*Flam.*

*Flam.* Eu assim a fortunado.

*Os dois.* Queira amor dar fim ao gosto

Em que jaz nosso cuidado.

*Vã-se.*

*Pascoal.* Hora diga engratao, quer-me ver amofinada?

Ainda naõ acha que tenho bastantes tempos esperando?

*Mand.* Quando nisso considero, finto em mim tais formigueiros, que me fazem enfrangalhos, eu por mim aqui estou prompto, qual macaquinho amarrado.

*Pascoal.* Eu creio que estás zombando.

*Mand.* Zombar? Hora isso he graça, he tal o gosto que tenho, de ser já dono da caza, que hum só instante naõ deixo de o apetercer, e chamar.

*Pascoal.* Eu tambem só por ser tua, dezejo essa hora chegada.

*Mand.* Oh que taõ dösses finezas, confesso que de prazer, dentro da pelle naõ caibo; aperta bem esta maõ, e na letra que te canto, te digo o quanto te amo.

### C A N T A.

Senaõ logro o teu agrado,  
Naõ socego hum só instante,  
Só tu és a minha amada,  
Só eu sou o teu amante.

Oh quanto gostozos,  
Com dössse prazer,  
Cantando, e bailando,  
Havemos viver.

*Vai-se.*

*Pascoal.* Milhorei do meu letargo; agora vou satisfeita, vou gostoza, e consolada.

*Vai-se.*

*See*

*Scena ultima de Salla toda illuminada, cadeiras, cravo, Geroncjo, Guimar, o Mestre, Flaminio ao pé de Zabileta, Roberto ao pé de Rozimunda, Pascoalina ao pé de Mandarin.*

*Geronc.* Em dia de tanto gofsto, he justo haja alegria; eu prevenime a fazer huma Decima, que he o não pezultra da fama, a Senhora Guimar tambem ha de applaudir, cantando alguma das suas mimozas arias; eu repito o verso.

*Sobe aos Astros rutilantes.*

*Mestre.* Não nos entre já a secar com os versos.

*Geronc.* Já sei que vossa mercê nunca teve bom gofsto; pôde haver melhor gloria, do que ouvir quatro versos bons, como estes são, diga?

*Guim.* Eu affirmo, que nada he melhor do que ouvir quatro modinhas, que recreiaõ os ouvidos, e não andar affimmar, cauzaudo fastio á gente, e a todos aborrecendo.

*Flam.* Minha bella Zabileta, estaõ meus votos já completos, ainda tens que duvidar?

*Zabil.* Não meu bem, pois já de posse me vejo dos teus agrados.

*Robert.* Cara Rozimunda amada, chegou o tempo de veres, que nunca te fui tiranno, ainda dirás que são falsos os meus constantes extremos?

*Rozim.* Não tenho que duvidar, amor me quiz venturoza, foi meu affecto bem pago.

*Mand.* Aqui me teus todo inteiro, e já com tigo cazado.

*Pascoal.* Ainda tal não posso crer, parece que estou sonhando.

*Geronc.* Vamos, toca a applaudir.

Só-

Sóbe aos Astros rutilantes,  
O ecco do meu clamor.

Este verso vem proprio para o cazô:  
Pois são effeitos de amor,  
Os effeitos mais brilhantes.

Bello, bem mostra na sua bondade o quanto me cus-  
taraõ a fazer.

*Mestre.* Vamos Senhora dâcipula, cantemos aquelle  
Dueto da lição, feito aos Paratras.

*Guim.* Com muito gosto Senhor Mestre, pois he mui-  
to da minha paixão.

*Cantaõ o Dueto que antisspudamente cantaraõ.*

*Todos.* Brabo, brabo.

*Geronc.* Sóbe aos Astros rutilantes,  
O ecco do meu clamor,  
Pois são effeitos de amor,  
Os effeitos mais brilhantes.

*Todos.* Muito bem, venha o resto.

*Geronc.* Qual resto? Desta Decima só vem o primeiro  
quarteto, proprio para cazamento, e o resto vai de-  
rivado ánamoração, esta he a melhor ciencia, fazer  
huma obra, que valle para mais de huma coiza só.

*Guim.* Todos estaõ mui contentes, só eu estou descon-  
solada, porque bem não sei cantar.

*Mestre.* Prometo que brevemente fique huma profezora  
chapada, continue, e deixe o mais por minha conta.

*Geronc.* São meus extremos constantes.

*Fiam.* Vossa mercê Senhor Geroncio nessa loucura dos  
versos a todos motiva rizo.

*Rob.* He dar assumpto ao escarneo.

*Rozim.* E a Mãi com as cantillenas, a todos dá que  
falar.

*Mand*

*Mand.* Senhor Geroncio, deixe-se dessas Loucuras ; para os versos não tem arte, não queira do Povo ser o alvo mais de cantado ; e a tal Senhora Guimar, deixe-se de querer cantar , pois o Mestre , e ella , tem na sua vós muita falha ; tem suas filhas cazadas , a sua caza em socego , cuide agora em se salvar , e já que gostozos vemos nollas gostos completados , he justo que as vozes dem

*Todos.* Do nosso prazer signal.

C A N T A M.

Vamos contentes , vamos gostozos ,  
 Com dosse alegria ,  
 Gozarmos ditozos ,  
 O alegre dia.

F I M.